

UM ESTUDO SOBRE “A ÉTICA PROTESTANTE E O ‘ESPIRÍTO’ DO CAPITALISMO”

Ramon Borge Rizzi¹

RESUMO

Este artigo busca expor a teoria weberiana sobre o surgimento do capitalismo moderno agregando à exposição aspectos não contidos em “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo”, como o conceito de ação social. Além disso, busca-se mostrar o ponto de vista de Calvino quanto a alguns aspectos da economia, o calvinismo enquanto figura principal da ética protestante e propulsor do desenvolvimento do espírito capitalista e possíveis questionamentos à obra de Weber.

Palavras-chave: Capitalismo, Religião, História Econômica, Weber.

INTRODUÇÃO

Para muitos existe uma linha tênue que separa o predicado usado para descrever um tema: ele pode ser considerado muito trabalhado, com muitos autores durante a história estudando o mesmo, ou pode ser considerado “batido”, o qual já não tem muito mais o que se fazer do que o já realizado. Com segurança pode-se dizer que o deste artigo se encaixa na primeira opção e que muito provavelmente nunca sairá dessa categoria. Alguns dos maiores pensadores que a humanidade já viu buscaram estudar o capitalismo, principal modo de produção já há alguns séculos. O que dizer então do número de estudiosos que estudaram a religião, a qual faz parte da vida humana a ainda mais tempo. Nenhum dos dois temas já foi esgotado, que dirá um tema que envolve ambos?

Nessa mescla que entra o autor principal a ser estudado do artigo: Max Weber.

Grande pensador na transição do século XIX e XX é considerado um dos pais da sociologia, acompanhado por Émile Durkheim e Karl Marx. Dentre os vários temas que estudou um dos que obteve mais destaque foi justamente a forma como as sociedades produziam e alocavam recursos, ou em uma palavra, a economia. E em uma de suas obras mais reconhecidas ele aborda esse assunto. Ela é “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo”.

O que ela traz de diferente, contudo, é o papel da religião, como o próprio título indica. Em uma abordagem distinta de outros autores, Weber traz a ideia de que a religião protestante foi de grande

¹ Estudante de graduação do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e participante do Programa de Educação Tutorial (PET). E-mail: ramonrizzi@hotmail.com

importância, apesar de não ser exclusiva, para o surgimento do capitalismo da época em que o mesmo vivia. E como principal personagem da “ética protestante” está João Calvino.

Esse artigo busca trazer uma leitura de “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo” ao mesmo tempo em que mescla outros “legados intelectuais” deixados por Weber que não foram utilizados pelo mesmo com tanta profundidade na obra, além de mostrar do ponto de vista de Calvino alguns aspectos relativos à economia e, principalmente, ao capitalismo. O que não se busca, porém, é esgotar o tema.

1 - O CAPITALISMO

As grandes teorias não surgem como um pensamento que não precisa ser desenvolvido. Não diferente foi com Weber. Primeiramente ele notou por meio do empirismo que os grandes proprietários do capital e a mão de obra mais qualificada possuíam um caráter religioso predominantemente protestante. Além disso, constatou que a educação dada aos filhos dos protestantes divergia da dos católicos. O ensino superior que os filhos daqueles seguiam possuía um caráter muito mais técnico e que os preparava para uma “vida burguesa de negócios” (WEBER, 2007, p.32) enquanto os católicos tinham uma preferência pelos estudos humanísticos.

A partir dessas constatações Weber começou uma investigação de modo a obter as causas das mesmas, e foi além ao estudar se havia uma relação estreita entre o advento do protestantismo e do capitalismo.

Mas o que é o capitalismo? Pergunta com mais diversas respostas não deve existir. Mas uma dessas respostas é a de Max Weber. E para ele o capitalismo não é único e não é um bloco. Em “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo” o autor estuda a origem do chamado capitalismo hodierno ou moderno, que é o atual. Porém Weber acreditava na existência do capitalismo em sociedades antigas. O livro “Relações agrárias na antiguidade” é onde o autor melhor debate a questão do capitalismo na antiguidade, e antes mesmo de seu lançamento Weber já havia deixado indícios de seu pensamento quanto ao assunto. Segundo Deininger (2012, on-line):

[...] não faltam na *História agrária romana* conceitos como "capital", "capitalistas" (como substantivo e adjetivo), "grande capitalistas", "capital de investimento", "formação de capital" e "investimentos de capital", sem que Weber, notadamente, tenha considerado necessária uma fundamentação mais detida desses conceitos.

Esse pequeno trecho expõe a opinião do Weber de que o capitalismo já existia na antiguidade, ideia essa reforçada no seguinte trecho: “‘Capitalismo’ existiu na China, na Índia, na Babilônia, na Antiguidade e na Idade Média. Mas, como veremos, faltava-lhe precisamente esse ethos peculiar.” (Weber, 2007, p.45). Portanto fica claro que o Weber faz uma diferenciação entre os “capitalismos”. O ethos citado por Weber refere-se ao espírito do capitalismo moderno, o qual daqui em diante será chamado apenas de espírito do capitalismo. Mais adiante esse termo será mais bem explicado. Todavia vale deixar claro que o que não pode ser entendido é que o espírito do capitalismo seja sinônimo do capitalismo moderno, ou que na presença do primeiro consequentemente há a existência do segundo.

2 – O ESPÍRITO DO CAPITALISMO

Como já dito, o capitalismo para Weber não é um bloco fechado. E com base nisso pode-se entrar numa divisão a qual considero fundamental no desenvolvimento do pensamento do autor: forma e espírito.

Determinadas economias podem ter tido uma forma de organização que são consideradas “capitalistas”, o que não significa que de fato o capitalismo moderno existia ali. Como principal exemplo ele usa negócios geridos por empresários privados que possuíam um caráter tradicionalista. De fato a organização dos negócios e dos trabalhadores era semelhante à de uma indústria, por exemplo, porém ainda faltava algo para ser capitalismo.

Por outro lado também é citado o fato de que algumas localizações como o norte dos Estados Unidos abundavam do espírito do capitalismo, porém a forma de organização econômica não era em nada semelhante à do capitalismo tal qual conhecemos. Portanto a forma capitalista e o espírito do capitalismo poderiam viver separados simultaneamente. Porém no encontro de ambos o resultado é o capitalismo moderno.

Para uma melhor explicação, vale dizer que a época antecedente do surgimento do capitalismo moderno a economia era regida de modo tradicionalista. Segundo Weber (2007, p.59-60):

[...] era economia “tradicionalista”, se atentarmos ao *espírito* que animava esses empresários: a cadência de vida tradicional, o montante de lucros tradicional, a quantidade tradicional de trabalho, o modo tradicional de conduzir os negócios e de se relacionar com os trabalhadores e com a freguesia, por sua vez essencialmente tradicional, a maneira tradicional de conquistar clientes e mercados, tudo isso dominava a exploração do negócio e servia de base — por assim dizer — ao ethos desse círculo de empresários.

Com o tempo, ocorreu um processo de “racionalização” da economia. As características citadas acima passam por uma transformação tamanha tendo como resultados, por exemplo, a transferência do núcleo da economia do rural para o urbano, o controle maior por parte do empresário para com os trabalhadores e sobre o processo de comercialização das mercadorias.

Esse processo é fruto do espírito capitalista que, principalmente, a classe empresarial trazia consigo. Porém essas pessoas não nasciam com esse espírito, mas de certa forma os desenvolveram por meio, primordialmente, para Weber, da ética protestante

Weber não dá uma simples definição para o espírito do capitalismo, mas utiliza-se de um sermão de Benjamin Franklin para de certa forma delineá-lo. Segundo Franklin (1736, 1748, apud WEBER, 2007, p.42-43):

Lembra-te que tempo é dinheiro; aquele que com seu trabalho pode ganhar dez xelins ao dia e vagabundeia metade do dia, ou fica deitado em seu quarto, não deve, mesmo que gaste apenas seis pence para se divertir, contabilizar só essa despesa; na verdade gastou, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais. Lembra-te que crédito é dinheiro. Se alguém me deixa ficar com seu dinheiro depois da data do vencimento, está me entregando os juros ou tudo quanto nesse intervalo de tempo ele tiver rendido para mim [...].

Esse trecho do discurso mostra um comportamento que até então não existia. Ele é completamente envolto de um espírito o qual como consequência guia as ações dos indivíduos para determinado ponto.

Certa vez ouvi a seguinte frase: “Muito mais do que uma paixão, um *lifestyle*”. Se eu buscasse uma frase para caracterizar o espírito do capitalismo certamente não conseguiria achar uma melhor. Essa é a ideia que Weber traz. Segundo Weber (2007, p.45):

Se, a um sócio que se aposentara a fim de descansar e buscava persuadi-lo a fazer o mesmo, já que afinal ganhara o bastante e devia deixar que outros por sua vez ganhassem, Jakob Fugger responde, repreendendo-o por sua “pusilanimidade”: “Ele (Fugger) tinha um propósito bem diferente, queria ganhar enquanto pudesse”. O “espírito” dessa declaração difere claramente do de Franklin: o que ali é expresso como fruto da ousadia comercial e de uma inclinação pessoal moralmente indiferente, assume aqui o caráter de uma máxima de conduta de vida eticamente coroada.

3 – A ÉTICA PROTESTANTE

A ética protestante entra como personagem principal justamente como propulsora do espírito do capitalismo. Mas antes de explicar a relação que Weber estabelece acredito ser de extrema importância “desmistificar” dois aspectos, que muitos acreditam ser a verdade, com base no próprio autor.

Primeiro é a crença de que Weber dizia que a ética protestante que “gerou” o capitalismo. Como será exposto a seguir de fato para ele havia forte ligação. Mas essa afirmação entra em claro contraste com o que o próprio autor falava. De acordo com Weber (2007, p.82):

[...] não se deve de forma alguma defender uma tese tão disparatadamente doutrinária que afirmasse, por exemplo: que o “espírito capitalista” (sempre no sentido provisório dado ao termo aqui) pôde surgir somente com o resultado de determinados influxos da Reforma [ou até mesmo: que o capitalismo enquanto sistema econômico é um produto da Reforma]. Só o fato de certas formas importantes de negócio capitalista serem notoriamente mais antigas que a Reforma impede definitivamente uma visão como essa.

Portanto fica evidente que a ética protestante não foi um fator exclusivo para o desenvolvimento do espírito capitalista. Algo muito interessante dentro dessa citação e que pode passar despercebido em uma leitura não cuidadosa é a ideia, já discutida, do capitalismo na antiguidade, o que dá base para Weber realizar seu argumento.

O outro aspecto que merece destaque é o fato de que se pode pensar que os reformadores como Martinho Lutero e, principalmente, João Calvino tinham como intenção ou já sabiam o que eles poderiam trazer como consequência da Reforma Protestante, afinal a ética protestante foi a força motriz do desenvolvimento do espírito capitalista.

Fica claro que tal relação feita não faz sentido para Weber e para quem vos escreve. Para Weber (2007, p.81):

A salvação da alma, e somente ela, foi o eixo de sua vida e ação. Seus objetivos éticos e os efeitos práticos de sua doutrina estavam ancorados aqui e eram, tão-só, consequências de motivos puramente religiosos. Por isso temos que admitir que os efeitos culturais da Reforma foram em boa parte — talvez até principalmente, para nossos específicos pontos de vista — consequências imprevistas e mesmo indesejadas do trabalho dos reformadores, o mais das vezes bem longe, ou mesmo ao contrário, de tudo o que eles próprios tinham em mente.

Feita essas importantes observações, pode-se descrever a relação que Weber estabeleceu da ética protestante como propulsora do espírito do capitalismo.

E o principal fator motivador de tal constatação é o tratamento dado à atividade profissional. Para melhor entendimento de tal afirmação faz-se necessário voltar alguns séculos no tempo. Na tradução luterana da bíblia havia uma palavra que não havia nas dos povos católicos. Essa palavra é *Beruf*. Segundo Weber (2007, p.71) “Não dá para não notar que já na palavra alemã *Beruf*, e talvez de forma ainda mais nítida no termo inglês *calling*, pelo menos ressoa uma conotação religiosa— a de uma missão dada por Deus [...]”.

Essa missão dada por Deus remete a outra palavra: vocação. E aí está a nova grande característica relativa à economia do protestantismo, que é a de tratar a profissão individual como uma vocação dada por Deus. Para entender o motivo desse tratamento dado à profissão é necessário entender algo sobre a teologia reformada. Essa corrente do pensamento acredita que o mundo e tudo que nele há tem apenas um propósito: a glorificação de Deus. E é da vontade de Deus que o cristão faça uma obra social “porque quer que a conformação social da vida se faça conforme seus mandamentos e seja endireitada de forma a corresponder a esse fim. [...] Daí por que o trabalho numa profissão que está a serviço da vida intramundana da coletividade também apresenta esse caráter”. (WEBER, 2007, p.99).

Com isso Weber chega à seguinte conclusão: o amor ao próximo, o qual é uma ordenança de Deus, é cumprido na vida do cristão protestante também através do cumprimento da vocação profissional recebida.

Além disso, dado que o propósito do homem é a glorificação de Deus, os gastos excessivos com luxos e com diversões (como bebidas e com finalidade de se ter relações sexuais) eram cortados fazendo com que “sobrasse” dinheiro para uma maior acumulação de capital.

É sintetizado da seguinte maneira por Weber (2007, p.156-157):

[...] a valorização religiosa do trabalho profissional mundano, sem descanso, continuado, sistemático, como o meio ascético simplesmente supremo e a um só tempo comprovação o mais segura e visível da regeneração de um ser humano e da autenticidade de sua fé, tinha que ser, no fim das contas, a alavanca mais poderosa que se pode imaginar da expansão dessa concepção de vida que aqui temos chamado de “espírito” do capitalismo.

Está exposta a relação que o autor estabelece. Se fosse necessária uma frase de efeito que marcasse o pensamento desenvolvido por Weber, utilizaria a seguinte: o tradicional criou o novo. Explico agora. É certo que no momento da Reforma Protestante a religião “*mainstream*” era a católica, o que faz com que o protestantismo na época fosse uma “*inovação*”. Porém a ética protestante certamente, com o passar do tempo, pôde ser considerada tradicional. No entanto ela foi capaz,

segundo Weber, de ser a força que desenvolveu o espírito capitalista, o qual até os dias de hoje permanece atual.

Ao olhar novamente o discurso de Benjamin algumas palavras se destacam, por exemplo, juros e crédito. Essas palavras fazem parte do nosso cotidiano de uma forma antes não vista. Mas na Idade Média até mesmo o som dessas palavras deviam incomodar os religiosos católicos. Tais práticas, como a usura, não eram aceitas pela Igreja. Como então Franklin fala com tamanha naturalidade? Justamente por conta da vocação. Como exposto, os protestantes, principalmente calvinistas, acreditavam que caso a vocação dada ao indivíduo fosse em profissões que termos como “juro”, “crédito” e “lucro” são corriqueiras, ele estaria agradando a Deus ao cumprir tal trabalho. Afinal ele nasceu para fazer aquilo. Obviamente isso foi primordial para o desenvolvimento do capitalismo, que se não fosse pelo uso da trindade (juro, crédito e lucro) não teria sequer se desenvolvido como foi.

Como um fator adicional para confirmar sua tese, Weber diz que a teoria da predestinação, característica do calvinismo, trouxe como consequência um pensamento de que o sucesso profissional servia como comprovação de que a pessoa seja uma das eleitas, afinal havia uma insegurança pelo motivo de não ter como saber se você é um dos eleitos e não há nada o que se possa fazer para mudar a situação quanto a isso.

Certamente algumas pessoas tinham esse pensamento de encontrar no sucesso profissional, por estar cumprindo sua vocação dada por Deus, a “garantia” da salvação. Porém não há nada mais “anti-calvinista” que dar essa significação ao sucesso profissional. Como Weber comenta várias vezes durante o texto, os calvinistas possuíam uma grande preocupação com a conduta de vida e no seguimento a risca das vontades de Deus, o que leva a acreditar que os que buscavam em determinados aspectos a segurança da salvação não eram de fato convictos na sua fé e não podem servir de exemplo para a ética protestante que Weber descreve.

4 – AÇÃO SOCIAL

Max Weber faleceu em 1920 deixando alguns de seus manuscritos inacabados. Com eles sua esposa, Marianne Weber, organizou de modo a lançar postumamente o livro “Economia e Sociedade” em 1922. Entre outras contribuições deixadas por Max nessa obra, a que se destaca é a criação da teoria da ação social. Obviamente que no livro que serve como base desse artigo o termo citado não é usado, afinal ele não existia considerando que “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo” foi lançado em 1904, o que não quer dizer que não é possível achar aplicações do termo nele.

Sucintamente faço a explicação do que é a ação social e seus tipos. Segundo Aquino (2000, p.19):

Weber, por sua vez, procurava compreender a ação social, ou seja, o comportamento individual nos casos em que o agente, ao agir, leva em consideração sua interação com outros indivíduos. Ele explicava os fenômenos sociais a partir da compreensão da motivação dos indivíduos para agir.

Existem quatro tipos de ação social e seus nomes são autoexplicativos. Há a ação social com relação a fins, a com relação a valores, a afetiva e a tradicional. É importante ressaltar uma diferença: enquanto as duas primeiras são ações racionais, as últimas são irracionais. Ao analisar o comportamento do indivíduo na economia Weber chega a conclusões diferentes das que a teoria econômica *mainstream*. Ao falar sobre a ação econômica com base em Weber, assim diz Martes (2010, p. on-line):

Trata-se de uma ação individual, dirigida por interesses (materiais ou ideais), mas também por hábitos e sentimentos. Na teoria econômica, o ator é exclusivamente dirigido por interesses materiais e seu comportamento não é necessariamente orientado pelo comportamento de outros. Tradição e emoção não contam na ação, relações entre política, lei, religiões etc., são ignoradas (Granovetter & Swedberg, 1992, p. 85 e 86). Para Weber, ação social propriamente econômica, é motivada pelo interesse e orientada para a utilidade. Porém, como toda ação social, ela é também uma ação orientada para o comportamento de terceiros [...].

Ao comentar sobre o já citado sermão de Benjamin Franklin (o qual delineia o espírito do capitalismo), assim diz Weber (2007, p.45): “No fundo, todas as advertências morais de Franklin são de cunho utilitário: a honestidade é útil porque traz crédito, e o mesmo se diga da pontualidade, da presteza, da frugalidade também, e é por isso que são virtudes”.

Mesmo antes de criar conceito de ação social (a diferença de tempo no lançamento dos livros é de 18 anos) é notória a utilização do mesmo. Ao falar sobre o cunho utilitário pertencente ao sermão vê-se que as ações sugeridas por Franklin são ações racionais com relação a fins, e assim são as transações econômicas para Weber.

5 - CALVINO E POSSÍVEIS QUESTIONAMENTOS

Considero interessante utilizar um espaço desse artigo como forma de levantar possíveis questionamentos e indagações. Reafirmo que essa parte não se trata de achar as respostas, mas as perguntas.

5.1 – CALVINO E A INTERVENÇÃO DO ESTADO NA ECONOMIA

Como já dito, João Calvino foi uma das partes constituintes da Reforma Protestante. Algo interessante e que merece destaque é a posição de Calvino quanto à intervenção estatal na vida econômica. Normalmente, as correntes econômicas pró-capitalistas, por assim dizer, têm a intervenção do Estado na economia como algo maléfico que retira a liberdade dos indivíduos, fazendo com que não se chegue a um ponto que caso não houvesse intervenção se chegaria. Calvino, entretanto, apesar de ser um dos “responsáveis” apontados por Weber como propulsores do desenvolvimento do espírito do capitalismo, acredita que a intervenção estatal na economia, na realidade, seja algo benéfico. Segundo Biéler (2009, p.38):

Para Calvino, a missão política do Estado implica, pois, em intervenção na esfera econômica; não tanto como produtor de bens, mas como regulador das trocas econômicas e da distribuição da riqueza. Na ausência desse regulador, o bom funcionamento da vida econômica é corrompido pelo pecado. A ganância e os monopólios obstruem a circulação dos bens entre todos, e o esbanjamento de alguns dizima as riquezas da sociedade.

É fato que os motivos apresentados para sustentar a ideia da intervenção estatal são extremamente diferentes dos apontados por economistas heterodoxos. Mas nos fornece algo para se pensar. Não seria contraditória a ideia da intervenção ao capitalismo? Caso seja, isso inviabilizaria a teoria weberiana do surgimento do capitalismo?

5.2 – CALVINO E OS BAIXOS SALARIOS

De acordo com Weber (2007, p. 161):

Calvino já havia enunciado a frase, muitas vezes citada, segundo a qual o “povo”, ou, dito de outra forma, a massa dos trabalhadores e dos artesãos, só obedece a Deus enquanto é mantido na pobreza. Os holandeses (Pieter de la Court etc.) “secularizaram” tal sentença ao dizer que a massa dos seres humanos só trabalha se a tanto a impelir a necessidade, e essa formulação de um Leitmotiv da economia capitalista iria desembocar mais tarde na correnteza da teoria da “produtividade” dos baixos salários.

Essa citação mostra que para Weber a teoria da produtividade dos baixos salários teve como origem, mesmo que distante, em um pensamento que era propagado inclusive por Calvino. Porém segundo Biéler (2009, p. 47):

Apesar de sua recusa em legitimar a revolta dos assalariados explorados e de seu recurso à violência, o reformador admite que Deus se serve amiúde da sua desobediência para julgar e castigar os que os exploram. Não se opõe aos protestos não violentos nem à greve. “Que maior violência pode haver, diz ele, que fazer morrer de fome e de pobreza os que com seu trabalho nos fornecem o pão? O fato, porém, é que essa estranha crueldade é muito comum.” [...] É, na verdade, surpreendente a atividade social que o reformador e seus colegas desenvolveram na busca da justa remuneração. Vemos Calvino intervindo frequentemente junto às autoridades para conseguir aumentos salariais, por exemplo, em favor de docentes.

Portanto há um conflito. Enquanto Weber afirma que Calvino propagava, de certo modo, que a pobreza era necessária para que os trabalhadores obedecessem a Deus, Biéler diz o contrário. Ele descreve o lado “social” de Calvino que não condiz com o descrito por Weber no trecho citado. Não posso afirmar com certeza qual dos dois está certo, mas que há uma contradição em seus textos posso afirmar.

Além disso, a teoria da produtividade dos baixos salários não condiz com a ética protestante. É fato que Weber em nenhum momento afirmou que Calvino criou ou sequer defendeu tal teoria que veio posteriormente a vida dele. Porém como já disse, Weber dá a entender que Calvino propagava um pensamento que de certa forma colaborou com a futura criação da teoria. E um dos argumentos apresentados por Weber para sustentar a ideia de que a ética protestante serviu para o desenvolvimento do espírito capitalista foi que a primeira trazia consigo a ideia da profissão como vocação, ou seja, um dever dado por Deus. Portanto, acredito que não seria necessário aos “portadores” de tal ética a pobreza ou trabalhar com baixos salários tanto para aumentar a produtividade quanto para obedecer a Deus. Obviamente que tal pensamento que faço não está completo, mas considero como um início para futuros aprofundamentos.

5.3 – AS “BASES” DO CAPITALISMO

Max Weber, como já afirmei algumas vezes, acredita que o surgimento do capitalismo está atrelado ao desenvolvimento do espírito capitalista, sendo que a ética protestante cumpriu papel fundamental no processo. Porém cabe uma reflexão sobre esse pensamento. Ao nos atentarmos sobre a evolução histórica da economia, veremos que o capitalismo não precisou apenas do desenvolvimento de um espírito. As bases que sustentaram o desenvolvimento do capitalismo foram, muitas das vezes, extra econômicas no sentido ruim da palavra. A Inglaterra, por exemplo, que foi o berço do capitalismo liberal, possui alguns aspectos em sua história que valem ser destacados. Segundo Dalrymple (2015, on-line):

On 24 September, 1599, 80 merchants and adventurers met at the Founders Hall in the City of London and agreed to petition Queen Elizabeth I to start up a company. A year later, the Governor and Company of Merchants trading to the East Indies, a group of 218 men, received a royal charter, giving them a monopoly for 15 years over “trade to the East”.

A Coroa Inglesa nesse momento dava o direito de monopólio por 15 anos para a Companhia das Índias Orientais, famosa por atos de grande violência personificados, como lembra Dalrymple (2015), na figura de Robert Clive, responsável por estabelecer o controle da região dominada. Além disso, há uma famosa frase de Thomas Morus: “As ovelhas comiam pessoas”. Essa frase faz referência ao cercamento dos campos que ocorreu na Inglaterra e que além de servir como base para a futura revolução industrial e econômica, também deixou vários camponeses à mercê da sorte.

Portanto acredito que caiba o questionamento. O capitalismo, que como base para seu surgimento teve algumas forças extra econômicas como as citadas, pode ter sido impulsionado por uma ética a qual pertence a um grupo que certamente não concorda com algumas das situações que ocorreram sendo um caso claro o monopólio?

5.4 – CALVINISMO: RELIGIÃO CAPITALISTA

É comum encontrar pessoas que não estudaram a fundo o assunto saber da relação feita entre o protestantismo e o capitalismo, apesar de muitas vezes não conhecerem Max Weber ou outros autores que indicam tal ligação. Porém algo parece que passa despercebido, até mesmo por pessoas que já tiveram um maior contato com a obra de Weber. De fato ele, como já demonstrado nesse artigo, acredita que o chamado protestantismo ascético promoveu uma determinada ética condizente e propulsora do espírito do capitalismo. Mas ele deixa claro durante seus escritos que diferentemente da época do surgimento do capitalismo, o tempo em que ele vivia a relação entre o sistema econômico vigente e a religião protestante não mais existia. Pelo contrário, muita das vezes os grandes empresários possuíam certa aversão a determinadas religiões.

Com isso levanto um questionamento. Será o calvinismo (nesse contexto a figura principal do protestantismo) uma religião capitalista? Tal afirmação é difundida e pode-se dizer que seja quase que um senso comum. Mas ao estudar a obra de Weber acredito que a resposta seja não. Não há dúvidas que para Weber a ética protestante e o espírito do capitalismo tiveram relação, porém também é claro que ela já não mais existe. A vocação profissional que a religião trazia já não é mais importante. Por que?

Porque o capitalismo já traz isso. Atualmente já se nasce sabendo que a profissão é um dever a ser cumprido. Ele se tornou algo maior. Tornou-se a realidade inquestionável sem que precise necessariamente de fatores externos para seu maior desenvolvimento. Segundo (Weber 2007, p.47-48):

Atualmente a ordem econômica capitalista é um imenso cosmos em que o indivíduo já nasce dentro e que para ele, ao menos enquanto indivíduo, se dá como um fato, uma crosta que ele não pode alterar e dentro da qual tem que viver. Esse cosmos impõe ao indivíduo, preso nas redes do mercado, as normas de ação econômica. O fabricante que insistir em transgredir essas normas é indefectivelmente eliminado, do mesmo modo que o operário que a elas não possa ou não queira se adaptar é posto no olho da rua como desempregado.

Portanto novamente afirmo: não acredito que o calvinismo seja uma religião capitalista. A ética já não mais é protestante, e sim capitalista.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o aprofundamento nos estudos e o próprio passar do tempo ficamos mais experientes na área acadêmica. Durante esse processo, do qual estou no começo, uma coisa me chamou atenção. Os autores considerados clássicos muitas vezes são estereotipados, sendo colocados rótulos em seus trabalhos que os diminuem imensamente. Durante suas obras, esses autores não defendiam apenas um aspecto. Adam Smith não defendia apenas o liberalismo. Karl Marx não estudava apenas o comunismo, pelo contrário. Mesmo assim a figura de tais autores mostra apenas uma pequenínissima parte de seus legados, havendo o que acredito ser muitas vezes um julgamento injusto contra eles.

Max Weber se encaixa na lista desses autores clássicos. Muitas vezes sua obra é resumida a uma linha do tempo lógica. Muito se ouve que o mesmo dizia: a ética protestante criou o espírito do capitalismo, que por sua vez, gerou o capitalismo. Sua obra, porém, não diz apenas isso, como exposto durante o artigo. Acredito que a desmistificação de certas “verdades” é um dever da comunidade acadêmica, não apenas para desconstruir falácias, mas como uma forma de respeito para com quem nos deixou grandiosos trabalhos. Apesar de não ser o objetivo principal do artigo, acredito que ele tem em seu corpo “ferramentas” que contribuem para a desmistificação de alguns aspectos.

Esse artigo não buscou encontrar a resposta para se a teoria de Weber estava correta. Na realidade ele buscou expô-la agregando com contribuições do próprio autor além de levantar questionamentos

que podem servir como base para futuras pesquisas que busquem até mesmo mostrar se Weber estava correto ou não.

Todo grande trabalho lançado, naturalmente, traz consigo uma gama de debates que buscam achar aspectos favoráveis e contrários ao texto. Com “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo” não é diferente. Como ressaltado na introdução esse é um tema já muito discutido e que, entretanto, está longe de ser esgotado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUNO, Jackson Alves de. As teorias da ação social de Coleman e de Bourdieu. **Humanidades e Ciências Sociais**. Ceará, v. 2, n. 2, p. 17-29, 2000. Disponível em: <<http://www.lepem.ufc.br/jaa/2teorias.pdf>>. Acesso em 08 fev. 2017

BIÉLER, André. **O humanismo social de Calvino**. 2. Ed. São Paulo: O Estandarte. 2009. 75 p.

DALRYMPLE, William. The East India Company: The original corporate raiders. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/mar/04/east-india-company-original-corporate-raiders>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

DEININGER, Jürgen. A teoria econômica dos Estados antigos: a questão do capitalismo na Antiguidade na visão de Weber. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 61-84, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702012000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 fev. 2017.

MARTES, Ana Cristina Braga. Weber e Schumpeter: a ação econômica do empreendedor. **Rev. Econ. Polit.** São Paulo, v. 30, n. 2, p. 254-270, Junho 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572010000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 fev. 2017.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Schwarcz, 2007. 335 p.